

PSICOLOGIA E RELIGIÃO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO POR MEIO DE DESENHOS-ESTÓRIAS

Patrícia Gabriela Magalhães¹

Paulo César Ribeiro Martins²

RESUMO

Este estudo objetivou investigar psicanaliticamente as produções imaginárias de pessoas seguidoras de religiões pentecostais, as quais seguem a doutrina religiosa com rigidez e que possuem histórico de condutas delinquentes. Utilizou-se o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema com aplicação individual em dez pessoas. A análise do material se fez mediante o uso do método psicanalítico, que foi operado com o auxílio da Teoria dos Campos. Concluiu-se que o imaginário coletivo revela que os indivíduos buscam na religião apoio e conforto para enfrentar dificuldades da vida, conferindo um sentido à sua própria existência e reprimindo desejos não aceitas pela sociedade. A religião parece que tem sido o meio pelo qual imaginam resignificar a dor e o desamparo que sentem, sendo que todos os desenhos-estórias demonstram uma falta de ego auxiliar na matriz da identidade. Em conceitos Winnicottianos, a religião vem como um fenômeno transicional que se coloca como lugar/instância que o ser humano usa para lidar com as contingências da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Objeto transicional. Psicanálise. Psicologia. Religião. Winnicott

Introdução

Winnicott, por parte da psicologia e Tillich, por parte da Teologia, observam que o que faz oposição à vida não é o instinto de morte, mas sim, o não-ser (para Tillich) ou o não-viver (para Winnicott). Tillich (2009) pontua que para ser/viver, exige-se coragem – que pode ser experienciada na religião. Contudo, muita coragem de ser, criada pela religião, nada mais é do que o desejo de limitar o próprio ser e de fortalecer esta limitação pelo poder da religião. A

AUTORES

1 Acadêmica de Psicologia.

2 Professor Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUCAMP. AEMS - Faculdades Integradas de Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

coragem de ser como “si próprio”, na perspectiva de Tillich tem a ver com a criação do “próprio estilo” winnicottiano e tem a ver com a “coragem de fazer de si próprio o que se quer ser” (TILLICH, 2009). Mas há um paradoxo em “fazer de si o que quer ser”, pois, o mesmo não se separa do ser que participa na existência do outro e no cuidado com o outro.

Levando em consideração a matriz de identidade observa-se que as experiências de separação entre bebê e mãe trazem sofrimento ao bebê em razão da perda do sentimento de continuidade da existência. Esse sofrimento leva-o a lidar com essa dor fazendo-o inventar formas de dar conta dela. Winnicott (1975) observou que nesse processo, o bebê encontra objetos que simbolizam a presença da mãe e por isso são capazes de restaurar o sentimento de continuidade de existência, necessário ao processo de constituir-se como uma unidade coesa. A esses objetos simbólicos Winnicott chamou de objetos transicionais, porque eles têm uma função fundamental, porém temporária. Assim, pelo objeto que o próprio bebê escolhe para simbolizar a mãe, ele vai constituindo-se como unidade separada, reconhecendo-se como sujeito ao mesmo tempo em que não perde, pela separação, o sentimento de continuidade de existência, ou seja, há uma construção deste campo ilusório e necessário na vida do indivíduo.

Esse objeto que surge entre o bebê e mãe é um objeto criado pelo próprio bebê, e indica o movimento criador, fundante de uma existência ativa. Para Winnicott a experiência com os objetos transicionais representa uma terceira área, que fica entre o interior e o exterior e é o local da criação, da ilusão ou ainda do espaço potencial.

O termo objeto transicional abre campo ao processo de tornar-se capaz de aceitar a diferença e a similaridade, pois esse objeto transicional funciona como visibilidade de um jogo de forças que se dá na dimensão invisível. E essa experiência tem a ver com a construção da capacidade de simbolização, presente na religião. Essa terceira área, que Winnicott identifica como uma área de ilusão, do seu ponto de vista é necessária a esse sentimento de continuidade existencial. Pois, a substância da ilusão refere-se ao que é permitido ao bebê e que na vida adulta é inerente à arte e a religião. Essa área intermediária (espaço das ilusões necessárias) está entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade. Interessante observar que para Winnicott, essa área de substância ilusória é o espaço que nasce da atividade criativa – que é uma passagem (transição) para a realidade externa. É a área onde a experiência cultural se realiza criando os fenômenos transicionais (arte, filosofia e religião)

- necessários ao ser humano. É, portanto, o espaço onde o adulto encontrará alívio da tensão que nasce da necessidade de aceitação da realidade que nunca é completada e que nenhum ser humano está livre da tensão de se relacionar com a realidade interna e externa.

Para Tillich (2010) um ser plenamente desenvolvido é um ser plenamente centrado. O termo “centralidade” deriva do círculo geométrico e é aplicado metaforicamente por Tillich à estrutura de um ser no qual um efeito exercido sobre uma parte tem consequências para todas as partes, direta ou indiretamente e a religião seria o controle essencial na vida humana desta centralidade. Quando não há controle desta centralização ou quando o efeito ilusório não distingue realidade interna e externa, esta crença ou dita religiosidade trará o desenvolvimento de neuroses.

Método

A pesquisa tem como objetivo investigar o imaginário coletivo de pessoas sobre psicologia e religião, para elucidar seu campo psicológico não-consciente. Dez pessoas de ambos os sexos, foram individualmente convidadas (DUCHESNE; HAEGEL, 2004) a participar de uma pesquisa sobre psicologia e religião, sendo-lhes explicado que, caso aceitassem, sigilo e anonimato lhes seriam garantido. Obtida a concordância de todos, foi utilizado o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, que é um recurso dialógico, um facilitador da comunicação emocional, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999). Consiste na solicitação de um desenho específico em termos temáticos, a ser realizada em uma folha de papel sulfite branca, bem como na invenção de uma história livre sobre a figura produzida, a ser escrita no verso da mesma folha. No caso, usamos o seguinte tema: Psicologia e Religião.

Para a análise do material foi realizada um trabalho de captação interpretativa dos campos inconscientes, a partir da observação da regra fundamental constitutiva do método psicanalítico, ou seja, da combinação da atenção flutuante com a associação livre, de acordo com as diretrizes operativas recomendadas por Herrmann (1979). Como sabemos, não se trata, neste tipo de análise, de buscar o significado verdadeiro de cada comunicação, mesmo porque o significado verdadeiro não existe, mas de se deixar impressionar pelos múltiplos sentidos emocionais que atravessam as produções imaginativas que se concretizaram como desenhos-estórias, motivo pelo qual é correto afirmar

que o uso do método psicanalítico se enraíza na adoção de uma atitude de caráter fenomenológico, que corresponde à possibilidade de suspensão de juízos e conhecimentos prévios, bem como à abertura e acolhimento da expressão subjetiva dos participantes (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2010).

A consideração dos desenhos-estórias a partir do método psicanalítico permite que comunicações emocionalmente significativas cheguem ao pesquisador por meio do impacto transferencial que geram. Deste modo, na medida em que as comunicações manifestas veiculam sentidos não conscientes, pode-se afirmar que o uso do método psicanalítico não conduz à descoberta de algo que já “estava lá”, desde sempre, esperando para ser desvelado, como se entende acontecer quando se adota de modo positivista um modelo sujeito-objeto na produção de conhecimento.

É fundamental lembrar que o encontro com os campos não conscientes envolve, para lembrar uma expressão winnicottiana, na pesquisa clínica uma relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido. Entendemos que criamos e descobrimos o substrato lógico-emocional não consciente, que não viria à luz se não fosse o nosso trabalho interpretativo (WINNICOTT, 1996). Assim, o diálogo de criação/descoberta dos campos psicológico-vivenciais não conscientes, subjacentes aos desenhos-estórias pesquisados, resultou na captação dos campos psicológicos não conscientes.

Resultados

Dos desenhos-estórias que obtivemos vamos descrever alguns para que o leitor tenha uma idéia do material colhido.

Desenho 1

Uma menina sozinha desenhada na parte inferior da folha

Estória 1

Começou a apresentar uma desmotivação com a própria vida, logo após o termino do relacionamento que havia durado alguns anos. Vivia trancada dentro de casa. Não tinha animo para nada, nem para se alimentar, certo dia recebeu a visita de uma vizinha que lhe falou a respeito da igreja que freqüentava e que ali havia encontrado uma paz de espírito que sentia a presença de Deus. Ela Resolveu ir visitar esta igreja e viu que este sentimento de desanimo e falta de vontade tinha melhorado. Ela melhorou graças a presença de Deus que

aceitou em sua vida.

Desenho 2

De um lado da folha uma nuvem e chuva com a figura do diabo a cima, abaixo um homem com várias mulheres. Do outro lado, uma nuvem com a figura de um rosto saudável acima e abaixo uma família.

Estória 2

Um certo garoto a um tempo atrás andava segundo o querer de Deus, cuidando da sua linda família e trabalhava bastante, muitíssimo feliz ele era. Pois um dia foi muito rebelde e desobediente ao Senhor Deus. O inimigo começou a mostrar fantasias para ele então foi surgindo uma vontade imensa em seu coração de largar tudo que Deus havia dado por meras ilusões. Quando esse menino foi se envolvendo na farra, coisas da vida, nos caminhos perdidos e cheios de labirinto do inimigo. O garoto se viu glorioso, agora ele tinha tudo o que queria. Muitas mulheres, bebidas e diversas diversões que tem uma pequena duração. Até que chegou um ponto que ele já não tinha mais nada. Estava com a vida totalmente destruída; longe dos caminhos retos de Deus, ele havia perdido o alicerce da sua vida que é sua linda família. A partir de então ele chegou a conclusão que é melhor não errar do que ser perdoado. Servir a Deus é o caminho, sem desobediência para que não acabe igual ao garoto, perdendo aquilo que mais amava.

Desenho 3

Uma mulher sozinha desenhada no canto superior esquerdo da folha, vestindo roupas que deixam transparecer as pernas e o tronco.

Estória 3

F. teve uma vida muito triste, perdeu seus pais com 14 anos e teve que se criar sozinha, filha única. Sofreu muito, acompanhada sempre de péssimas amizades, entrou no mundo das drogas, daí para frente piorou, usava seu salário só para se drogar, não se conformando com sua vida, procurou ajuda, passou a freqüentar igrejas até conseguir se libertar do vício e hoje vive bem e feliz.

Desenho 4

Um desenho de uma pessoa sozinha desenhada no canto inferior esquerdo com rosto afeminado e vestes de menino.

Estória 4

Lucas era um jovem de 17 anos, que vivia rodeado por seus amigos, gostava muito de sair, ir para as festas. Sua mãe sempre dedicada a Deus, sempre orava pela vida de seu filho, o aconselhava sempre para que não se envol-

vesse com drogas, bebidas. Ele era um menino carismático, gostava dos amigos, mas mesmo assim se sentia sozinho, sentia que ninguém o compreendia. Certa vez Lucas resolveu atender sua mãe, que sempre o chamava para ir à igreja um pouquinho. Constrangido, mas foi, ele gostou dos cultos e quando o pastor fez o apelo, ele acabou aceitando a Jesus. Resolveu pregar para seus amigos, pois queria que seus amigos conhecessem a Jesus e se sentissem felizes o tanto quanto ele se sentia. Seus amigos o tentaram convencer de que o melhor mesmo era o mundo, o convidaram para usar drogas, mas ele disse que não, que Jesus o havia transformado, e assim ele foi pregando para seus amigos, pouco a pouco seus amigos mais próximos foram percebendo que só Jesus era o verdadeiro caminho e resolveram se render aos pés de Jesus.

Desenho 5

Um homem desenho no meio da folha com um ponto de interrogação acima de sua cabeça, do lado esquerdo uma igreja e o lado esquerdo uma boate, uma mulher nua, bebidas e cigarro acesso no cinzeiro.

Estória 5

Antes eu ficava indeciso ente a igreja e a balada aí eu vi que nós devemos estar onde nos sentimos bem e não tem lugar que eu me sinto mais bem que na igreja.

Desenho 6

De um lado da folha uma nuvem escura com uma pessoa bem grande e demais pessoas bem pequenas. Do outro lado, uma nuvem clara com um rosto acima com uma aureola sobre a cabeça e abaixo quatro pessoas do mesmo tamanho. Todas as pessoas desenhadas em forma de palito.

Estória 6

Uma pessoa sem compaixão pelo próximo que não vê sensibilidade por nada nem por ninguém com medo de se tornar o que seu pai é. Mas o que faz essa pessoa tornar-se cada dia melhor é procurar em seus defeitos melhoras, em outras situações é sua mãe e Deus que até então é o que está sempre ao seu lado.

Considerações finais

Um campo psicológico bem presente nos desenhos-estórias é o seguinte: “Meu Jesus, meu salvador”. O que confirma os conceitos de Winnicott, onde a religião faz parte de um fenômeno essencial na vida de um indivíduo,

suprindo as necessidades ilusórias fortalecendo o controle do “ego” fazendo com que a pessoa, muitas vezes, retorne a libido inicial, criando segundo Tillich (2009) muita coragem de ser, que nada mais é do que o desejo de limitar o próprio ser e de fortalecer esta limitação pelo poder da religião.

Referências

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. 1999. 197f. Tese (Livre-Docência em Psicopatologia Geral I e II) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Tania_Maria_Jose_Aiello_Vaisberg_e_Maria_Christina_Lousada_Machado.php>. Acesso em: 27 jun. 2010.

DUSCHENE, S.; HAEGEL, F. L'entretien collectif. Paris: Armand Colin, 2004.

HERRMANN, F. A. Andaimos do real: o método da psicanálise. São Paulo: EPU, 1979.

TILLICH, Paul. La razón y la revelación el ser y Dios. 5. ed. Salamanca: Estela, 2010.

TILLICH, Paul. A coragem de ser. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. Vivendo de modo criativo. In: WINNICOTT, D. W. Tudo começa em casa. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.31 - 42.